



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO – TUTORIA EM EAD

Daniella Caletti

O FÓRUM COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO

Porto Alegre

2010

Daniela Caletti

O FÓRUM COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO

Artigo apresentado ao Curso de Especialização Tutoria em EAD da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Tutoria em EAD.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Corte Real

Porto Alegre

2010

RESUMO

Dentre tantos assuntos discutidos no âmbito educacional, estamos cada vez mais envolvidos com questões que envolvem a Educação a Distância e por consequência o uso de ferramentas tecnológicas como suporte ao processo de aprendizagem. Elucidando o uso dos fóruns, o presente artigo discute o conhecimento e apropriação deste instrumento e sua colaboração no processo avaliativo da aprendizagem do aluno. Através da análise de dois fóruns do curso Licenciatura em Pedagogia – Modalidade a Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, refletimos sobre os níveis de interação aluno, ou seja, considerando a relevância de suas contribuições para a discussão proposta.

Palavras chaves: Educação a distância – ensino-aprendizagem – ferramentas tecnológicas – fórum – avaliação.

APRESENTAÇÃO

Falar em Educação é sempre um desafio, que nos remete a inúmeras teorias e abordagens sobre as práticas pedagógicas vigentes e, principalmente, o que se espera delas.

As mudanças que ocorreram no cenário educacional, nos permitiram e conseqüentemente nos convocaram a pensar um novo jeito de fazer a educação acontecer. Preocupados em delinear as relações entre os saberes e suas construções, compreendemos a importância de olharmos o sujeito em seu processo de construção de conhecimentos e tudo que envolve esta dinâmica.

Como pensar a educação escolar, sem entrarmos nas questões de ensino-aprendizagem? Como acontece esse processo que envolve sujeitos com seus desejos, vivências e expectativas? O que é aprender? Como avaliar a aprendizagem do sujeito? Muitas são as indagações que permeiam e nos fazem discutir, no intuito de encontrarmos respostas acerca do *aprender*. Podemos pensar na aprendizagem como um processo, em que o próprio sujeito dá sentido a suas ações, significando e re-significando suas construções. Na busca de fazer-se autor de suas idéias, o sujeito costura na sua teia do saber suas aquisições.

Os novos rumos da educação possibilitam que façamos um outro desenho, preocupados com a escola e no que esta pode contribuir para que o sujeito realmente aprenda; deparamo-nos com a tecnologia na educação.

Podemos dizer que as tecnologias são tão antigas quanto a espécie humana, invadindo nossas vidas e alterando comportamentos (KENSKI, 2007). A escola é espaço de formação, não apenas de jovens, mas de todas as pessoas, e esta educação detém os conteúdos socialmente válidos para que as pessoas possam exercer determinadas funções, profissões ou alcançar aprofundamento em determinada área do saber. Assim, por sua vez, encontramos a ação do professor em sala de aula e o uso que ele faz dos suportes tecnológicos; isto é, como explora as tecnologias disponíveis para garantir uma melhor aprendizagem dos alunos.

A relação da educação com a tecnologia socializa a inovação, que também deve ser aprendida. Essa combinação que mudou conceitos e que criou novas modalidades educacionais, chama-se Educação a Distância (EAD).

Através da rede mundial de computadores, a Internet, estamos conectados com o mundo, o que até então era para alguns, atualmente ultrapassou qualquer restrição de uso. Assim, surgiram os espaços colaborativos e cooperativos, onde sujeitos possuem a qualquer hora do dia acesso a informação.

Uma nova cultura está sendo construída, dos ambientes presenciais de salas de aula, hoje encontramos os alunos em ambientes virtuais; da tecnologia do lápis, caneta e livros, hoje temos as telas dos computadores, materiais e recurso em softwares. A informação chega ao aluno de outras formas, sua construção e como irá lidar com o saber, conseqüentemente, se processam por outras vias.

A sala da aula com mesa, cadeiras e um quadro-giz dá espaço para o virtual, são oferecidos os ambientes virtuais de aprendizagem¹, onde o saber também está em jogo, mas processado e compreendido através de um outro olhar. As ferramentas tecnológicas contribuem para tornar as aulas em momentos de produção de conhecimento e ao professor cabe o papel de mediador.

Através deste novo entendimento do processo de ensino-aprendizagem, lançamo-nos aos desafios do trabalho educacional, da leitura da aprendizagem à avaliação do sujeito. Seguimos nossas idéias, a fim de discutirmos o uso das ferramentas tecnológicas na educação e sua importância no processo avaliativo. Daremos ênfase ao uso do recurso do fórum, uma ferramenta tecnológica assíncrona que contribui para elucidar assuntos, apresentar idéias e conceitos, criando um espaço de discussão onde o sujeito organiza-se em seu tempo e espaço individual.

UM PENSAR SOBRE AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E O PROCESSO AVALIATIVO

Lidar com o ensino e espaços escolares, nos lança a passear por territórios psicológicos, antropológicos e políticos. Enfim, pelos campos que tentam dar conta do sujeito em sua amplitude e singularidade. Entendemos que a prática pedagógica que compreende o sujeito como um agente na construção de seu conhecimento figura as alterações provenientes do uso das tecnologias na educação, como novas e diferenciadas possibilidades para que o aluno possa se relacionar com os conhecimentos.

Kenski (2007) diz que o uso dos recursos das tecnologias digitais como as simulações, telepresença, realidade virtual e inteligência artificial instala um novo momento do processo

1 "Ambientes digitais de aprendizagem são sistemas computacionais disponíveis na internet, destinados ao suporte de atividades mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação. Permitem integrar múltiplas mídias, linguagens e recursos, apresentar informações de maneira organizada, desenvolver interações entre pessoas e objetos de conhecimento, elaborar e socializar produções tendo em vista atingir determinados objetivos." (Educação a distância na internet - Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida)

educativo. Conhecer as ferramentas tecnológicas e saber utilizá-las, implica na promoção de um outro modo de conceber a aprendizagem. A autora aponta, ainda, que as trocas e o uso colaborativo de informações mostram a necessidade de construção de novas estruturas educacionais que não sejam apenas a formação fechada, hierárquica e em massa como está estabelecida nos sistemas educacionais.

Nesta nova configuração sobre espaços de aprendizagem, reencontramos uma antiga, porém necessária discussão, o processo de avaliação. Falar sobre avaliação, geralmente gera grandes discussões, conforme o referencial teórico ou modelos pedagógicos vigentes. Na Educação a Distância a avaliação acontece e os recursos existentes na tecnologia devem estar aliados a este processo. Além disso, sabemos que este processo, segundo, Victorino e Haguener (2004) envolve diversos aspectos, bastante complexos e relacionados entre si; não deve se restringir apenas a aspectos cognitivos, ou seja, ao projeto final, a prova, mas englobar também aspectos comportamentais. As autoras alegam que avaliar e acompanhar o aprendizado do aluno envolve, além das teorias pedagógicas, questões tecnológicas. A avaliação em EAD é um processo contínuo, onde aspectos como interesse, cooperação e participação nas atividades propostas são extremamente importantes.

Para Silva (2008) existem duas formas de comunicação para promover e desenvolver a interação e a interatividade entre professores-alunos, alunos-professores e alunos-alunos. São elas: as formas SÍNCRONA e ASSÍNCRONA.

A forma SÍNCRONA pode ser entendida como o modo de comunicação que ocorre em tempo real (On-line), as partes se comunicam de modo instantâneo. Nela ocorre a sensação de agilidade no desenvolvimento dos trabalhos provocado, em parte, pelas características desse tipo de comunicação.

A forma ASSÍNCRONA pode ser entendida como a forma de interação que está desconectada do tempo e do espaço. O aluno e professor podem manter relacionamento na medida em que tenham tempo disponível, criando uma situação mais confortável em relação as disponibilidades e necessidades do curso. (SILVA, 2008).

O uso que é feito destes recursos, está no entendimento que o professor faz sobre as possibilidades que eles oferecem.

Como diz Kenski

Mais importante que as tecnologias, que os procedimentos pedagógicos mais modernos, no meio de todos esses movimentos e equipamentos, o que vai fazer a diferença qualitativa é a capacidade de adequação do processo educacional aos objetivos que levaram você, pessoa, usuário, leitor, aluno, ao encontro desse desafio de aprender. A sua história de vida, conhecimentos anteriores, os objetivos que definiram a sua participação em uma disciplina e a sua motivação para aprender este ou aquele conteúdo, desta ou daquela maneira, são fundamentais para que a aprendizagem aconteça. As mediações feitas entre o seu desejo de aprender e o

professor que vai auxiliar você na busca dos caminhos que levem a aprendizagem, os conhecimentos que são a base desse processo e as tecnologias que vão lhe garantir o acesso e as articulações com esses conhecimentos configuram um processo de interações que define a qualidade da educação. (KENSKI, 2007, p. 46)

Este movimento promove novas compreensões e acessos à informação, imbricados a novas formas de pensar e entender a educação. É a possibilidade de reflexão, do diálogo e da criticidade em relação ao processo educativo, que nos permitirá um fazer diferente; privilegiando e propondo uma outra perspectiva de formação e conseqüentemente uma outra perspectiva de avaliação. Ressalto a compreensão das tecnologias não apenas como meros recursos incorporados à realidade de sala de aula; mas como diz Kenski (2007), uma verdadeira transformação que transcende até mesmo os espaços físicos em que ocorre a educação. A dinâmica e a infinita capacidade de estruturação das redes colocam todos os participantes de um modo educacional em conexão, aprendendo juntos, discutindo em igualdade de condições.

Nessa concepção, os ambientes virtuais de aprendizagem assumem uma nova organização, prevendo a articulação dos espaços, buscando superar as fragmentações disciplinares. Os instrumentos de comunicação são sintonizados com a criação de práticas interdisciplinares e com a busca de relações dialógicas entre professores e alunos. (NEVADO, 2007, p30)

A partir desta leitura da aprendizagem, entendemos o processo de avaliação como um processo qualitativo que perpassa pelo subjetivo de cada sujeito. Para Hoffmann (1995), a avaliação é a reflexão transformadora da ação. Através da ação o educador será impulsionado a novas reflexões. Trata da reflexão permanente do educador sobre sua realidade, acompanhando o educando no percurso que realiza na construção de seu conhecimento. No espaço virtual as ferramentas são utilizadas para facilitar o envolvimento do aluno com o conhecimento, a superação das posturas pedagógicas de transmissão de conhecimentos abre espaço para o entendimento de uma avaliação constante, favorecendo e desafiando os alunos na direção de novas relações e no aprofundamento e alargamento de conceitos, como coloca Magdalena e Costa (s/d).

Ao professor cabe saber de onde está partindo e para onde pretende ir, a promoção de espaços de interação, onde os alunos construam saberes manifestando suas ideias e argumentos adquiridos previamente, considera as experiências do sujeito. Para isso lembramos que a informação não implica em construção de conhecimentos, nem mesmo na significação de algo; menciono o que Larrosa (2002) diz sobre a informação

A informação não é experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituirmos como sujeitos informantes e informados; a informação não nos faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas não o saber no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”) o que consegue é que nada lhe aconteça. A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a *experiência* é que é necessário separá-la da informação. (LARROSA, 2002. p. 22)

Este olhar sobre a aprendizagem nos permite argumentar que conhecimento não se dá sob forma de informações, como se o ato de aprender estivesse vinculado adquirir e processar informações. A relevância em falar sobre a informação colabora no entendimento que se faz sobre a experiência; em que podemos ter informações sobre algo, mas que em nada isso tenha nos tocado ou que nada tenha nos acontecido. O que Larrosa (2002) quis dizer com isso é o pensamento não está apenas na capacidade de “argumentar” ou “calcular”, ou até mesmo “argumentar”, como muitas vezes nos foi ensinado, mas pensar é, sobretudo, dar sentido ao que somos e o que nos acontece.

Nesta lógica não nos dificulta pensar o processo avaliativo, ao darmos lugar para que o sujeito venha a ser, assim estaremos envolvidos com outro modo de conceber a práticas pedagógicas; fugindo dos moldes quantitativos ao avaliar o caminho percorrido pelo sujeito durante sua aprendizagem.

A ação avaliativa reflexiva e desafiadora do educador em termos de contribuir, elucidar, favorecer a troca de ideias entre e com seus alunos num movimento de superação do saber transmitido a uma produção de saber enriquecido construído a partir da compreensão dos fenômenos estudados. (HOFFMANN, 1994).

A reflexão sobre a interação professor-aluno no processo avaliativo, requer que o docente na Educação a Distância ou que seja nas dinâmicas presenciais saiba analisar e utilizar as tecnologias da informação e comunicação no processo do ensino-aprendizagem, promovendo condições ao educando de criar, transformar e dar sentido ao que se aprende. Através das metodologias inovadoras e diferenciadas torna-se possível a avaliação qualitativa.

Para esta avaliação processual e contínua é necessário que o educador estabeleça uma rotina de observação, descrição e análise permanente das produções do educando; considerando que as condições para tal situação estão envolvidas com a clareza da abordagem epistemológica por parte deste educador.

O uso das ferramentas tecnológicas na educação colabora na dinâmica criativa e cooperativa do processo de ensino-aprendizagem, em que educadores e educandos reinventem a função escolar, oportunizando a experiência e o saber com sentido.

A internet oferece várias ferramentas que podem ser utilizadas na educação, a expansão dos ambientes virtuais para a aprendizagem assustou; contudo, promoveu novas formas de interação, o que colabora com a concepção interacionista de construção de conhecimento. Nevado, 2005 diz

A educação na virtualidade, do mesmo modo que na presencialidade, pode ocorrer sob distintas orientações educativas. Ambientes concebidos para desenvolver propostas de ensino – ambientes para ensinar – buscarão similar organização da escola tradicional. Ambientes concebidos para mediação da aprendizagem buscarão dar suporte à interações e as produções individuais e coletiva. (NEVADO, 2005)

Desta forma, dentre as ferramentas tecnológicas, irei discutir o uso dos fóruns; como um instrumento que viabiliza a discussão, o “pensar sobre” e a interação de um grupo. No ensino a distância esta ferramenta tem sido muito utilizada, pois apresenta um caráter integrador bastante significativo. Agregado a este fator, penso nas possibilidades que oferece ao processo avaliativo, que ao educador cabe planejar previamente o que deseja desenvolver com seus educandos, a fim de poder interpretar adequadamente as construções discentes que acontecerão nesta trajetória de aquisições.

O USO DO FÓRUM E SUA CONTRIBUIÇÃO NA AVALIAÇÃO

Carbonara (s/d), explica que principal objetivo de um fórum é criar espaços de discussão em torno de uma temática de interesse comum. Ou seja: um fórum não é um espaço de perguntas ou respostas ou de tarefas a serem corrigidas pelo professor ou tutor. Um fórum ocorre efetivamente quando há uma comunidade de aprendizagem trabalhando conjuntamente na construção de conhecimentos.

O fórum é uma ferramenta de comunicação assíncrona em que o aluno tem uma condição especial; pois, a qualquer tempo, respeitando o cronograma do curso, possui acesso ao material com uma interatividade descompromissada com o “On-line”.

Conforme Silva (2008), são características da comunicação assíncrona: flexibilidade – acesso ao material didático em qualquer lugar e a qualquer hora; tempo para reflexão – o tempo poderá ser otimizado para a reflexão sobre o material didático proposto, tempo para ter ideias e preparar os retornos, verificar as referências bibliográficas e possibilidade de acesso ao material quantas vezes for necessário; facilidade de estudo – possibilita a administração dos estudos de forma a aproveitar todas as oportunidades de tempo, seja no trabalho ou em casa, podendo ocorrer a integração de ideias e discussão sobre o curso em fóruns específicos.

O uso destes instrumentos como suporte pedagógico de aulas presenciais possibilita resultados satisfatórios ao educando que pode acessar o ambiente de discussão sem o compromisso direto com o tempo e espaço. Na Educação a Distância o mesmo ocorre, e como todo instrumento suas vantagens estarão sempre vinculadas a forma como o educador o utiliza.

Estamos caminhando para a construção de um espaço educacional onde as pessoas não serão preparadas apenas para exercer funções sociais, mas como Kenski (2007) diz que a educação não estará voltada para a exclusiva aprendizagem instrumental de normas e competências ligadas ao domínio e à fluência do emprego e serviços; a autora propõe, a intensificação das oportunidades de aprendizagem e autonomia dos alunos em relação a busca de conhecimentos, da definição de seus caminhos, da liberdade, para que possam criar oportunidades e serem sujeitos de sua própria existência.

Contudo, as questões que circundam a avaliação desdobram-se em várias outras, nos lançando para a polêmica das relações de aprendizagem. Pretendo aqui explorar o uso do fórum para compreender sua utilização dando ênfase como forma de avaliação, isto é, como conceber esta ferramenta no processo qualitativo da avaliação do educando.

Os critérios de participação que serão avaliados durante o fórum serão estabelecidos mediante o objetivo proposto pelo professor, naquela atividade de discussão.

Um importante papel cabe ao professor ou mediador que será o de mobilizar os alunos a participarem e problematizar as intervenções, convocando-os a contribuírem com qualidade à discussão. O fórum caracteriza-se pelos níveis de interação que o aluno apresenta; em que encontramos contribuições superficiais e meras reproduções de conhecimentos que receberam, até contribuições articuladas, em que o aluno demonstrou compreensão sobre o tema em debate agregado às vivências que obteve sobre o assunto.

Kenski (2008) diz que embora a tecnologia seja avançada, a forma como é utilizada em muitos casos é bem convencional, as tecnologias ampliam os espaços, o que antes se detinha em uma sala de aula presencial, atualmente pode ser estendido para qualquer espaço e

tempo. No entanto, estas atividades também precisam de planejamento adequado, uma simples proposta sem nenhum trabalho pedagógico anterior ou posterior a ação, acaba por deslocar professores e alunos para uma forma receptiva e pouco ativa de ensino.

Avaliar a discussão em um fórum implica na clareza do professor acerca da tarefa e da discussão vigente. Neste momento o professor ou mediador da tarefa, observará o grau de envolvimento e reflexões do aluno em torno do debate. Carbornara (s/d), elaborou três categorias de participação em fóruns a fim de avaliar o desempenho a partir das intervenções dos participantes da discussão. O próprio autor explica que as categorias abaixo propostas são arbitrárias e que estão assim divididas por se considerar uma expectativa de participações em fóruns de cursos a distância e que foram já amplamente testadas. Porém, a sua utilização poderá não ser a mais indicada, conforme o objetivo proposto na criação de um fórum. Destacamos esses aspectos, pois nas disciplinas dos cursos de licenciatura poderão ser utilizados critérios diferentes destes, conforme o planejamento do professor formador. São elas:

Nível 1 de interação: Participações em que o cursista reproduz no fórum ideias e conceitos expressos nos textos de referência, palestras, vídeos etc., sem desenvolver um nível universitário de autoria. Ou seja: os casos em que o cursista limita-se em “devolver” ao professor o mesmo conhecimento que recebeu.

Nível 2 de interação: Participações em que o cursista põe-se diante dos problemas apresentados estabelecendo relações entre o texto de referência (entenda-se texto em sentido amplo), suas experiências de vida e outras aprendizagens. Nesses casos o cursista já apresenta um nível relevante de autoria a partir do tema proposto. No entanto, não estabelece um diálogo direto com as falas dos colegas de fórum.

Nível 3 de interação: Participações em que o cursista apresenta compreensão do tema proposto, num nível de apropriação que lhe permita estabelecer relações pertinentes, mas que também põe-se em diálogo direto com seus colegas de fórum. Esse diálogo com os pares é marcado pela citação direta da fala dos colegas, apresentando pontos de convergência ou divergência de ideias, questionamentos ou outras contribuições.

Participações a serem descartadas na avaliação: Não deverão ser consideradas as falas que não se detenham diretamente sobre a temática proposta. Descartam-se, as manifestações para simples registro, por exemplo: “Legal, vou dar uma olhada no texto e voltarei depois”. Também serão descartadas as falas muito superficiais, sem alguma argumentação ou contexto, do tipo: “Concordo com os colegas” ou “Isso está muito difícil”.

Quando alguma fala desse tipo tiver uma relevância (diferente das três categorias acima expostas), caberá mencioná-las no parecer.

Os níveis que Carbonara (s/d) trabalha, possibilita ao professor um norte, contudo, não podemos esquecer o objetivo estabelecido para tal atividade, o que pretende-se com a ferramenta disponibilizada. No entanto, estes níveis colaboram com o professor ou mediador a fim de pensar o envolvimento do aluno com a tarefa e suas possibilidades de atuação com o conhecimento, trata aqui da capacidade do indivíduo pronunciar-se, falar de suas aquisições e o seu entendimento sobre o tema. Busca-se uma aprendizagem que garanta a criatividade, o posicionamento crítico frente a informação e o mais importante o colocar-se, falar de sua experiência, do que lhe acontece e do que lhe toca.

Lembrando Kenski (2008), a relação professor-aluno pode ser profundamente alterada pelo uso das tecnologias, em especialmente se forem usadas intensamente; seja na resolução de um problema ou na realização de um projeto, o que se quer dizer é que o professor realiza um mergulho junto com os alunos, para poder responder a suas dúvidas e questões. É esta proximidade com o aluno que o ajuda a compreender suas ideias, olhar o conhecimento sobre novas perspectivas e aprender também.

DISCUTINDO SOBRE A PRÁTICA EM FÓRUNS

Ao participar da ação educativa em um curso de EaD, como tutora, foi possível acessar e trabalhar com as ferramentas tecnológicas, as conhecendo e as utilizando adequadamente, conforme os objetivos propostos para cada atividade.

Desta forma, faço uso de duas discussões de disciplinas e assuntos distintos, mas pelo mesmo grupo de alunos, os períodos dos fóruns também acontecem em épocas diferentes.

A utilização dos fóruns para avaliação, nos possibilita a discussão e a análise conforme as categorias citadas anteriormente. Neste trabalho analisamos o nível de integração dos alunos e a qualidade das contribuições, como os alunos envolvem-se com o tema em debate e se colocam na discussão.

Apresentamos os seguintes fóruns do curso de Licenciatura em Pedagogia – Modalidade a Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

O primeiro fórum ocorreu em junho de 2009, a proposta da professora dá-se sobre o estudo, a reflexão e o debate a respeito de um assunto relativo a disciplina ofertada. Foram 45 contribuições em aproximadamente um mês. Os alunos caracterizaram o fórum como uma

lista de colocações e conceitos sobre o assunto, percebe-se a falta de interatividade significativa para nomearmos como discussão. Há carência de diálogo, os alunos não interagem e o papel do moderador/professor é nulo; não existe a mobilização ou o trabalho de convocação dos alunos no intuito de participarem com contribuições consistentes a partir da teoria trabalhada e da prática vivida.

Algumas falas retiradas do fórum ilustram este parecer:

“Criar condições que resultem em interação entre o aluno e o ambiente escolar, proporcionar instrumentos adequados para fazer com que este aluno encontre na escola um ambiente agradável, sem discriminação e capaz de proporcionar um aprendizado efetivo, e que garantam seu progresso e bom desenvolvimento educativo e social.

Geralmente os alunos deficientes mentais têm dificuldades para operar as idéias de forma abstrata. Como não há um perfil único, é necessário que a escola ofereça um acompanhamento individual e contínuo, isto não significa isolar o aluno das outras crianças.

Em relação ao comportamentos na escola, os alunos com deficiência mental, e suas funções intelectuais apresentam dificuldades no desenvolvimento da aprendizagem, principalmente na comunicação com os colegas e professores. Este mesmo aluno deve ser encorajado a trabalhar sem auxílio sempre que possível, para estimular seu desenvolvimento de habilidades interpessoais ensinando este aluno a solicitar instruções e pedir ajuda quando for necessário.

Em sala de aula o professor deve posicionar o aluno nas primeiras classes, de forma que possa estar sempre atento aos chamados deste aluno e melhor atendê-lo

Os professores, funcionários, colegas, e outros, devem tratá-lo de acordo com a faixa etária, como um ser que tem condições de aprender.

A escola deve adaptar os conteúdos a serem desenvolvidos, somente após realizada uma avaliação cuidadosa de uma equipe de apoio multiprofissional. A avaliação deste aluno deve ser pelo progresso que o mesmo apresenta, com base em seus talentos e suas habilidades naturais sem compará-lo com a turma da classe em que frequenta.

O envolvimento da família no processo de inclusão escolar é de extrema importância no desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Os pais podem trabalhar, auxiliar, juntos com a escola para que o desenvolvimento da aprendizagem de seu filho seja eficaz, melhorando a auto-estima dos alunos, dando apoio nas condições de vida limitantes.”

“Com o passar dos anos houve várias formas de compreender e atender as pessoas com deficiência mental. Mesmo assim este assunto por muito tempo esteve restrito à área da medicina. Hoje muitas áreas fazem estudos, inclusive a pedagógica, e sabe-se que é uma síndrome que aponta para problemas que se situam no cérebro e causam baixa produção de conhecimento, provocando no indivíduo uma dificuldade de aprendizagem e um baixo nível intelectual. As pessoas com deficiência mental passaram a ser consideradas passíveis de serem educadas somente após no século XIX, com o trabalho do médico Jean Itard , primeiro teórico de Educação Especial, com o menino Victor de Aveyron, conhecido como “menino selvagem”. Outro teórico que contribuiu muito para o avanço no estudo de deficiência mental e para a formulação de uma metodologia específica para o ensino destas pessoas foi Sèguin.”

“O deficiente mental, como qualquer outro indivíduo, tem necessidade de expressar seus sentimentos de modo próprio e são capazes de aprender e desenvolver algum nível de habilidade social e conhecimento dentro de seus limites e tempo, possibilitando ao deficiente mental, uma qualidade de vida satisfatória, lhes proporcionando acesso às mesmas oportunidades que temos. Estaremos melhorando a nossa própria qualidade de vida, sempre, quando melhorarmos a de todos aqueles à nossa volta.”

Conforme Carbonara (s/d), poderemos incluir este fórum no nível de interação 1, em que aluno reproduz idéias e conceitos, sem desenvolver a autoria, sem realizar uma construção.

Percebemos neste fórum a falta de interatividade e conseqüentemente o depósito de idéias, a falta de trocas e a riqueza que a discussão apropriada permite.

A falta de participação do professor/moderador; revela também, a importância deste papel para a articulação e convocação do grupo para o desenvolvimento da discussão.

O segundo fórum que discutiremos ocorreu alguns meses após o término do primeiro fórum, em um período de aproximadamente um mês e meio com 150 contribuições.

Este fórum teve início a partir de uma convocação, em que a professora propõe a problematização de um assunto, a partir de referenciais teóricos trabalhados, solicitando aos alunos a exploração de alguns conceitos, articulados a suas experiências e prática.

A principal característica deste fórum é a interatividade e há dialogicidade entre o grupo. As contribuições partem de um referencial teórico articulado a prática conhecida pelos alunos, percebe-se a troca a partir das convocações dos mesmos, em que um contrapõe o outro, colabora, questiona e converge as idéias e considerações do colega. O nível de apropriação e integração é muito maior do que encontramos no primeiro fórum pelo mesmo grupo.

Algumas falas deste segundo fórum:

“É através das relações que podemos nos colocar no lugar do outro, nos decentrando de nós mesmos, analisando a resposta, o raciocínio do outro e revendo os nossos, e é assim com os alunos, mas para isso é nosso papel dar condições para que ocorra. Na escola em que leciona temos uma menina afro repetente de 4ª série, mas houve progresso na sua aprendizagem e no comportamento, notou-se que a colega que está ao seu lado é a incentivadora (CAPRICHOSA, ORGANIZADA, AMIGA) compartilhando seus conhecimentos sua amizade. Muitas vezes trazendo presentes para a amiga (mochila, roupas que não usa mais ou que tem nova). A afetividade trouxe qualidade para a colega em todos os sentidos. É preciso, para que tais pegadas se façam marcar, que algo desse fora tenha sido integrado ao sistema, produzindo nele certo desequilíbrio que ativará a necessidade de que se façam algumas diferenciações capazes de, então, reconhecer esse fora numa extensão mais ampla. Rickes (2002, p. 78)”

“Sim, XXXX. A abertura a outras culturas contribui para o desenvolvimento de outros modos de pensar e agir e também auxilia para o desenvolvimento de novos afetos. Pois, acredito que o desenvolvimento de nossos afetos está diretamente ligado a nossa cultura. Sendo assim quanto mais ampla a cultura de um indivíduo, mais facilmente ele pode aceitar as diversidades existenciais de um determinado grupo. Acredito que o preconceito de etnia, opção sexual e outros modos diversos das pessoas viverem, profissões e outros são mais em virtude da cultura restrita do que da própria afetividade.”

“Olá XXXX!

Concordo contigo. E as experiências enriquecedoras com nossos alunos principalmente. “O ponto de chegada das sucessivas construções, da anomia à heteronomia, é a autonomia. Esta é a possibilidade de cooperação que se instaura com a construção da reversibilidade da ação. Na autonomia as regras aparecem como resultado de uma decisão que deve ser respeitada na medida em que foram coletivamente tomadas. A regra é decorrência do respeito mútuo”(APRENDER COM OS OUTROS OU O ESTATUTO DO OUTRO NA EPISTEMOLOGIA GENÉTICA (JEAN PIAGET).

No planejamento de aula estava o objetivo específico dos alunos compreenderem a importância não só do respeito ao meio ambiente; mas nossa atitude em relação a ele. Todo ano recebo novos alunos e cada turma diferencia-se de como realizam as atividades ou até onde necessitam ir com a vontade de aprender. Esta turma atual fez-me ir até o pátio da escola plantar um abacateiro, doado por um dos alunos. Trouxeram-me muitas mudas e flores plantadas nos vasos de suas casas demonstrando que aprenderam a colocar as pedrinhas, molhar as plantas e queriam cuidar dos vegetais em sala de aula. O respeito entre eu e o outro. Eu e a natureza por que não? Eu respeitando a natureza respeito o outro.”

“Ao ler o texto APRENDER COM OS OUTROS OU O ESTATUTO DO OUTRO NA EPISTEMOLOGIA GENÉTICA, deparei-me com algo que muito me intriga. A questão da construção da AUTONOMIA. Piaget fala que para chegar num estado autônomo a criança passa pela anomia (onde o sentido moral ainda não está definido, as regras são seguidas guiadas pelo hábito ou dever) passando para heteronomia (as regras não são construídas, mas impostas) para no final chegar na tão falada autonomia.

Mas o que vem a ser AUTONOMIA?

Com base em Piaget, resumidamente, a autonomia é o último estágio do desenvolvimento moral da criança, neste as regras são compreendidas e aceitas, uma vez que a criança passa a entendê-las como construção coletiva, conseguindo vislumbrar sua atuação neste processo.

Ao pensar sobre isto, vemos durante todo este processo a importância da convivência com o outro. No primeiro, anomia, o outro se apresenta como um modelo a ser seguido; no segundo, a heteronomia, alguém que dita as regras (imutáveis) que devem ser seguidas, e por fim, a autonomia, o outro se apresenta como partícipe de uma construção, onde as regras podem ser mudadas, mas deve estar embasadas no coletivo, no sentido de colaboração, de justo, de verdadeiro, mas para isto, é imprescindível que o sujeito precise sair de si mesmo e colocar-se no lugar do outro....

O que penso sobre isto enquanto educadora....

Esta caminhada rumo a construção da autonomia não é uma tarefa fácil, pois requer tempo e amadurecimento. Mas também creio que deva ter uma intencionalidade por parte dos educadores, pois tal como me referi, este processo de aquisição é uma construção, e por tanto, deve ser paulatinamente trabalhada. Se a criança não sentir um ambiente propício para a troca, para o diálogo... Dificilmente chegará a ser um sujeito que pense e aja por si só!

Sendo assim, penso que é preciso instigar as crianças a pensar, dar sua opinião, argumentar, compreender as regras e a cada etapa, através de sua reflexão/ação, ir reescrevendo o que está posto, com responsabilidade e justiça.”

Pois é XXXX e XXXX,

é mesmo difícil caminharmos na contramão do que está posto, não é mesmo?! E muitas vezes o desafio está nessa empreitada.

Vocês falam de uma proposta que considera o olhar do outro, melhor dizendo, que considera o outro e sustentam, para isso, uma interação, uma convivência para que a aprendizagem ocorra nos ambientes escolares.

Como podemos entender esta idéia, pensando nas citações colocadas pelas colegas e no que foi lido no texto, que fala de uma percepção de mundo, em contraposição com uma outra percepção que traz a sensação de acomodação, mencionada pela XXXX? O que pensam sobre isso, pessoal?

“Olá pessoal, gostei muito das colocações da XXXX enfatizando a interação e a convivência com o outro. E vocês percebem também a relação que tudo isso tem como nossa discussão do fórum anterior? É mais uma linha de discussão interessante de ser conduzida!”

Estas falas nos aproximam do que Carbonara (s/d) exemplifica através do nível 3 de interação. Constatamos algumas diferenças significativas que dizem sobre o desenvolvimento do fórum. Os alunos colocam-se de forma efetiva, expõem suas idéias e experiências que possuem em relação ao exercício proposto.

As últimas falas são contribuições dos moderadores, mostrando-se articulados e ativos nesta função, mobilizando o grupo a também mostrar-se efetivamente atuante. A participação e a mediação adequada dos professores que propuseram o fórum, nos mostra a importância de conhecer o instrumento e envolver o aluno na discussão, permitindo que o mesmo faça as amarras de seu conhecimento em um espaço de trocas e de produção de saberes.

As diferenças são sutis, necessárias e determinantes para o sucesso ou não de um fórum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As possibilidades que o uso das tecnologias promove o educador, abre novos caminhos para uma prática educacional ampla e integradora.

Esta nova configuração de educação, em que é possível ao aluno a colaboração e cooperação em tempo não real, traz à luz toda uma discussão sobre as formas de entender o processo ensino-aprendizagem. Abordamos o uso da ferramenta fórum, que via internet viabiliza o debate e a pronuncia do aluno, em um movimento que promove a sua emancipação e autonomia.

Penso que, proeminente a todas as questões do processo educacional, a avaliação sempre surgiu como alvo de grandes reflexões e longas polêmicas. Com o intuito de abordar o uso de uma ferramenta e sua contribuição no processo avaliativo, tendo em vista o olhar atento às produções do aluno, considerando sua trajetória e as vias pelas quais construiu o seu saber; argumento que o uso das tecnologias vieram para colaborar na efetiva transformação da educação. Desta forma, o ensino-aprendizagem passou a ser um processo ativo e de reflexão coletiva, não havendo mais tempo para produção e manipulação de informações, mas de um olhar crítico e pensante sobre as questões da realidade.

Neste ensaio dediquei-me a elucidar o uso do fórum e sua contribuição para a avaliação, debruçando-me sobre as possibilidades desta ferramenta e o manejo docente durante o processo de construção da aprendizagem do aluno. A utilidade do fórum mantém-

se como um espaço colaborativo e de caráter integrador, ressaltamos que como toda ferramenta tecnológica/pedagógica cabe ao professor o conhecimento e planejamento na utilização destes instrumentos.

Saber avaliar requer ao professor o planejamento de um trabalho consistente, em que seja possível trocar com os alunos, percebendo seu crescimento a partir de suas contribuições. Acredito na educação que contempla a avaliação contínua e processual, em que é permitido ao aluno realizar as costuras de suas aquisições teóricas com as vivências adquiridas.

É notável o desenvolvimento do sujeito, quando este acrescenta, conta, questiona e contrapõe. Ao saber argumentar, sustentar suas ideias ele apresenta seu saber e ao professor/mediador/avaliador está a possibilidade em perceber o crescimento e constatar as construções de seu aluno.

Estamos falando de um tempo de possíveis parcerias entre alunos e professores, onde este não detém unicamente o saber, a formação de pessoas adaptáveis enfrentando os novos desafios e posicionando-se criticamente frente a eles.

Entendemos que o momento em que a educação/formação encontra-se vem para elucidar o objetivo do ato de ensinar-aprender, em um tempo em que esta ação é partilhada, através das interações necessárias para o desenvolvimento e construção de conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria. E. B. *Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.2, p.327-340, jul./dez.2003. O material pode ser acessado pelo endereço: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a10v29n2.pdf>. Acessado em 25 de março de 2010.

CARBONARA, Vanderlei. *Avaliação de desempenho a partir de intervenções de estudantes em fóruns de discussões*

HOFFMANN, J.L. *Avaliação Mediadora: uma relação dialógica na Construção do conhecimento*. 1994.

HOFFMANN, J.L. *Avaliação: mito e desafio. Uma perspectiva construcionista*. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1995.

KENSKI, V.M. *Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas, Papirus, 2007.

MAGDALENA, B. C; COSTA, I. E.T. *Por que avaliar? Alguns “comos” para se chegar aos porquês*.

NEVADO, R.A. *Ambientes virtuais que potencializam as relações de ensino aprendizagem*. Novas Formas de Aprender: Comunidades de Aprendizagem. Boletim 15 – Agosto 2005. O material pode ser acessado pelo endereço: (<http://www.pgie.ufrgs.br/portalead/rosane/nte2cd/apoio/paap2.ht>). Acessado em 20 de março de 2010.

SILVA, Reynaldo. *P. Uso das ferramentas síncronas e assíncronas nos cursos a distância*. O material pode ser acessado pelo endereço: (http://www.ccuec.unicamp.br/EAD/index_html?foco2=Publicacoes/78095/392385&focomenu=Publicacoes) (2008). Acessado em janeiro 15 de 2010.

VICTORINO, A.L.Q.;HAGUENAUER, C.J. *Avaliação em EaD apoiada por ambientes Colaborativos de aprendizagem no programa de capacitação da COPPE/UFRJ*. 11º Congresso de Educação a Distância, Bahia, 2004. O material pode ser acessado pelo endereço: (<http://www.diaadia.pr.gov.br/ead/arquivos/File/Textos/159-TC-D3.htm>) Acessado em 20 de março de 2010.